

INTRODUÇÃO

I

AVE AMÉRICA!

Jesus Cristo — o Príncipe da Paz. O maravilhoso destino profético reservado às Américas — As estupendas revelações da Bíblia acerca dos povos americanos — A América à luz das profecias: pacífica pomba da concórdia e da esperança e formidável águia da vitória voando altaneira por sobre o mundo em dismantelo. Os três monstros apocalípticos e as duas azes místicas da ave da vitória: a América do Norte e a América do Sul.

Ao transpôrmos os umbrais desta, ao nosso ver, curiosíssima obra, o nosso espírito instintivamente se vólta para todos quantos, nestes instantes de tremendas agitações e angústias para os povos, vêm denodadamente batallhando pela manutenção da boa causa entre eles: a causa de NOSSO SENHOR JESUS CRISTO — o Príncipe da Paz — que a todos prega paz, amor e caridade:

"Bem aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra".

"Amai-vos uns aos outros como eu vos amei".

"Se teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer".

Livro eminentemente místico, porém com profundas raízes nos complexos meandros da Política e da História do Unívérso, não podia este livro, como de fato não pôde, ser escrito em meia dúzia de dias, mas, sim pacientemente, como o foi, em milhares de horas de alguns anos. Tal circunstância se, por um lado, o fez perder algo do seu sabor essencialmente profético, por outro lado, nos proporcionou a perfeita ilusão de que também "algo" de extraordinário nele se encontra e transcende à nossa própria individualidade, não podendo ser, talvez, senão uma parcela mínima daquela espantosa e fulgurante lús que, aparentemente longínqua e fugidia pôde ser, entretanto, maravilhosamente captada através do extraordinário livro do Apocalipse.

Tempos atrás, lemos algures que, por ocasião de uma das então mais recentes Exposições Internacionais Americanas, fôra o majestoso recinto do certame, durante várias noites, esplendorosamente iluminado como um dia pela pujante lús de brilhantíssima estrela que ha milênios estivera em frente à nossa pequenina terra.

Foi necessário que milhares de anos transcorressem para que, pelos progressos da ciência, pudessem os homens recolher e ampliar através de notáveis aparelhos aquela maravilhosa lús. Fez-se, igualmente, mistér o transcurso de quasi 25 séculos para que, pela evolução social, política e espiritual dos povos — pelos fastos da História Universal — se pudesse captar brilhantíssima, através os maravilhosos livros proféticos, toda aquela inigualável lús celéstee que não sómente nos ilumina umas poucas horas de hoje, mas, também, nos ilumina todo o futuro e todo o passado. Essa lús é a lús de Jesus Cristo e está maravilhosamente enfeixada no último livro da Bíblia, chamado em português "Revelação". Com um pouquinho d'ela, qualquer humano-mortal poderá confiantemente discernir, nestes momentos de tremenda angústia, o negro futuro de milhões de homens, cuja redenção unicamente se encontra nas mãos inda sangrentas do MESSÍAS. Eis o despretençioso objetivo desta obra, na qual, seja-nos lícito afirmá-lo, vemos nossa amada América — e graças rendâmos a DEUS por isso — na esplêndida figura geográfico-profética de uma dúplice e reveladôra ave apocalíptica.

Se, em sua posição de calmo pouso (figura 1), se nos móstra essa ave como uma estranha porém pacífica pomba, a contemplar os horizontes, por outro lado tem ela, iniludivelmente, qualquer coisa LÁ DE MAIS ALTO, porquanto, melhor a perquirindo, nela encontrâmos (figura 2) — formidolosas azas distendidas sôbre os mares, símbolos bíblicos das nações em perpétuas agitações e lutas — a imperecível figura de uma esplêndida águia volante. A uma tão vitoriosa imagem mais de uma vez se refêre a Bíblia (Apocalipse, IV: 7; VI: 7; VIII: 13 e XII: 14).

E que a derradeira atuação profética dessa FORMIDÁVEL AGUIA VOLANTE será o abrigar sob suas duas potêntíssimas azas místicas (a América do Norte e América do Sul) os verdadeiros cristãos fiéis, perseguidos pelo DRAGÃO VERMELHO (todos os EXTREMISMOS essencialmente rubicundos) é o que se conclúi facilmente de Apoc. XII:1/14 e procurâmos dêmonstrar no cap. VI da VI PARTE desta obra.

O simbolismo desta maravilhosa configuração geográfico — profética da América, reveladoramente chamada NOVO MUNDO e cuja atuação benfazeja é hoje universalmente aplaudida, nos leva irresistivelmente a, desde logo, focalizar aqui outros também incontrastáveis símbolos.

São êles: 1.º o pavoroso monstro profético — apocalíptico desenhado pelo conjunto geográfico Escandinávia — Rússia — Ásia Menôr, objeto de nossos estudos nos capítulos I e VII da III parte desta obra (fig. 23, pag. 161);

2.º o conjunto geográfico, maior que o anterior,



Fig. 1

(Para bem apreciar o simbolismo desta figura, fazê-la girar de 90°, no sentido da flêcha)



Fig. 2

[Para apreciar o simbolismo profético deste mapa, fazê-lo girar de 90°, no sentido da flêcha]

EUROPA — ASIA MENOR

(figs. 24 e 35, pags. 203 e 377), no qual, sem grande esforço, descobrimos a impressionante e também déveras significativa figura de um monstruosíssimo gigante (O ANTI-CRISTO), sobre cuja horrenda cabeça, formada por nações do Centro e Oriente da Európa (Alemanha ou Prússia Oriental inclusivé), repouse a formidanda BABILÔNIA MÍSTICA, que melhor diríamos a Babilônia Monstro, aquela grande e riquíssima PROSTITUTA descrita no capítulo XVII da Apocalipse e por nós estudada nos capítulos VII da II PARTE e II da VI PARTE;

e, 3.º) o conjunto geográfico maior que todos os anteriores

EUROPA-ÁSIA-ÁFRICA

cujo mapa (figura 34, página 347), qual espantoso e formidável fóssil agarrado ao mundo, ali bem clara nos desnuda agora a integral silhueta de um incomensurável e monstruoso URSO, símbolo do total triunfo sobre as três partes do VELHO CONTINENTE dos pavorosos ideais vermêlhos, hoje resumidos pelas quatro letras (4, número da totalidade da terra a que se dirige a profecia), que simbolizam o colosso russo.

U. R. S. S.

e que, amanhã, talvez, com mais um simples U, completarão a palavra profética

U. R. S. U. S.

(União das Repúblicas Soviéticas Universais Socialistas)

E se tal, um dia, acontecer, onde estarão aqueles que, formando a chamada grei fiel a Jeová ou os resquícios de seu povo, a Ele ainda o reconhecêrem, entre tantas agitações e angústias, como seu DEUS e seu real SENHOR? Como Enóc, sobrenaturalmente arrebatado ao céu (Gênesis V:24) e, 666 anos depois, Noé e sua família, levados sãos e salvos pelas próprias águas do Dilúvio aos cumes do Ararat, enquanto os demais homens nelas pereciam (Gênesis VII), deparará, seguramente, DEUS aos que O não tiveram negado, no meio do novo cataclisma universal de fogo, fumo e enxofre, isto é, de sangue, luto e peste, caos e desespero, um refúgio certo, como está escrito:

"Os teus mortos viverão; os meus cadáveres ressuscitarão. Desperta e canta, vós que habitais no pó... Vem, povo meu, entra nas tuas câmaras e fecha as tuas portas sobre ti; esconde-te por um pouco até que passe a indignação. Pois eis que Jeová sai do seu lugar para castigar os habitantes da terra, por causa da sua iniquidade" (Isaías XXVI:20 e 21)

Não estará, porventura, simbolizada a Humanidade fiél a DEUS naquela indisfarçável silhueta de mulher, que, desenhada pelas próprias dóbras do pavoroso monstro apocalíptico, ali se oculta, genufléxa, numa iniludível atitude de quem óra, sob as vêrdes aguas do mar Báltico e sob as calmas gelêiras ou "fjords" do Golfo de Bótnia? (Figs. 23 e 35, pags. 161 e 377).

Todos estes símbolos, que a imensa maioria dos leitores talvez julgue simples ou ingênuos frutos de uma passageira exaltação mística do autor desta obra, estão perfeitamente justificados, não só por numerosíssimos textos bíblicos, conforme veremos, mas também pela maravilhosa configuração geográfica do antigo reino de Israel das 12 tribus (1.100 A. C.).

Esse reino, focalizado nos capítulos XIX do profeta Ezequiel e V:8 do profeta Miquéas, sob o símbolo de um "cachorro de leão" ou de um terrível e ferós leãozinho, como vêem os leitores no desenho abaixo, tem estampada em seu mapa exatamente uma tal figura!

E ao repassarmos pela mente, agora, embevecido, todos esses símbolos, cã-nos da pena esta vibrante exclamação: *

Ave, América! DEUS te salve, inclita águia volante, na plena liberdade do teu vôo!

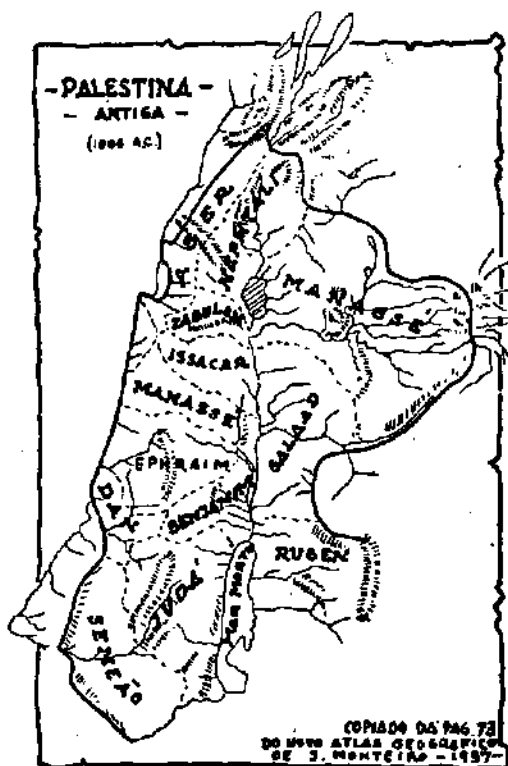


Fig. AA